



filologia portuguesa

ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA

O Português Arcaico

Uma Aproximação

Volume I

Léxico e morfologia

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

PRÓLOGO

Um prólogo deve ser breve. A meu ver, é um início de conversa. E assim será este. Partirei de duas perguntas: por que voltar a escrever um livro sobre o português arcaico? E por que uma aproximação?

Depois de ter escrito três livros sobre o português arcaico (1989, 1991, 1994), volto ao tema graças ao convite feito pelo meu amigo e, como eu — suponho —, devoto desse período da língua portuguesa, Ivo Castro, para a colecção que dirige — «Filologia Portuguesa», da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa. Mas não só por isso! Em 1996, veio a público um livro colectivo do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), que tem como base a *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, escrita no último ano do século XV, e, mais recentemente, juntamente com Américo Venâncio Lopes Machado Filho, organizei um novo livro colectivo (2002), que tem como base um *corpus* constituído de textos que abrangem a quarta e quinta décadas do século XVI, que, como se verá adiante, considerarei como provável limite final do período arcaico. Além disso, ao finalizar-se o século XX e se iniciar o XXI, muitos estudos-teses, artigos, comunicações têm sido realizados não só no Brasil e em Portugal, mas também por lusitanistas estrangeiros sobre aspectos do período arcaico.

Assim, voltar ao tema significa enriquecer o que fiz, individual e colectivamente, com a recente e variada bibliografia de que disponho sobre esse período pretérito.

Por que *uma aproximação*? Na primeira redacção do projecto deste livro, utilizei como título «O português arcaico — uma introdução». Contudo, a escolha de *uma introdução* pareceu-me que pretendia estabelecer *verdades* sobre o período focalizado. O que pretendo, contudo, é, com base no já existente e nas pesquisas desses últimos anos, com novos dados e renovadas interpretações, *aproximar-me* dos factos linguísticos desse período recuado no tempo.

Essa decisão foi, sem dúvida, influenciada pela seguinte reflexão de William Labov, que transcrevo em tradução minha:

A tarefa da Linguística Histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente, não há como saber quão diferente ele foi (1994: 21).

Para não perder mais tempo com essa conversa inicial, sigo o conselho de Fernão de Oliveira, ao terminar sua *Gramática* de 1536:

Todas as cousas tẽ seu tẽpo: τ os oçiosos o perdẽ (1536 [2000]: 316).

INTRODUÇÃO

O português arcaico no tempo da língua portuguesa

Os historiadores e filólogos foram unânimes até 1999 em situar seu início nos princípios do século XIII, porque teria sido nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada. É na data referida que Ana Maria Martins, filóloga e linguista portuguesa, publica na colectânea em homenagem ao Professor Luís Filipe Lindley Cintra o seu longo estudo, intitulado «Ainda ‘os mais antigos textos escritos em português’: documentos de 1175 a 1252».

O título desse estudo de Martins (1999: 491-534) tem a referência explícita ao artigo de Lindley Cintra (1963: 40-58), publicado na *Revue de linguistique romane*, n.º 27 — «Les anciens textes portugais non-littéraires: classement et bibliographie». Esse artigo e o longo estudo do P.^e Avelino de Jesus da Costa, publicado em 1977, revolucionaram a questão de «os mais antigos textos em português». Até então a filologia anterior admitia que seriam os documentos do Mosteiro de Vairão — o *Auto de partilhas*, de 1192, e o *Testamento de Elvira Sanches*, de 1193 — os mais antigos documentos particulares em português. Lindley Cintra, Avelino de Jesus da Costa e o paleógrafo Rui de Azevedo demonstraram que esses eram cópias tardias. Mantêm a *Notícia de torto*, como o mais antigo documento particular, e o *Testamento de Afonso II*, como o mais antigo documento oficial. Para o primeiro, Avelino de Jesus da Costa, no trabalho referido, «estabelece em bases sólidas a datação aproximada da *Notícia de Torto* (1214-1216) e deu a conhecer uma nova versão do *Testamento de Afonso II*» (Martins, 2001: 24). A segunda versão do *Testamento* foi encontrada no arquivo da Catedral de Toledo por Antonio García de Luján. Com essa segunda versão do *Testamento*, desfez-se a dúvida quanto à autenticidade

da versão conhecida desde o século XIX e depositada no hoje designado Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (IAN/TT), uma vez que nela restam fragmentos do selo pendente identificador do primeiro documento oficial e real em língua portuguesa.

Com as investigações de Ana Maria Martins no IAN/TT, em busca de documentos para sua tese de doutoramento, foi por ela encontrada documentação que remonta a 1175, sendo a *Notícia de fiadores* o mais antigo, pelo menos até agora. A busca de Ana Maria Martins faz assim recuar para a segunda metade do século XII a questão dos mais antigos textos em português, portanto o início do primeiro período documentando da língua portuguesa. Com isso reabriu-se um antigo debate, revisto nas décadas de sessenta e setenta, como relatado e que parecia estabelecido, graças aos trabalhos de Cintra, Ave-lino de Jesus da Costa e Rui de Azevedo.

Problematizando a questão histórica da periodização das línguas

Para abordar essa questão seguirei de perto algumas considerações do linguista alemão Roland Schmidt-Riese, que inicia seu artigo dizendo que

a ideia da história, a percepção do tempo como uma extensão que sustenta processos, implica, para cada momento da cronologia considerada, a co-presença de factos de continuidade e de ruptura. É o observador que vai privilegiar uns aspectos mais que outros (2002: 179).

E mais adiante, seguindo Brigitte Schlieben-Lange, chama atenção para o facto de que também são «os sujeitos do processo histórico que acabam por definir suas próprias actividades em relação a padrões tradicionais, seja como continuadores deles, seja como actividades de ruptura» (*id.: ibid.*). Esse último aspecto retomarei mais adiante, momento em que a língua portuguesa começa a ser interpretada, metalinguisticamente, pelos nossos primeiros gramáticos. Concordo com Schmidt-Riese quando afirma que «as periodizações constituem projectos ideológicos, reflectem não a estrutura própria do tempo, mas a temporalidade e também a territorialidade do grupo ‘periodizante’» (*id.: ibid.*). Essa afirmativa se aplica bem à questão central da tentativa de delimitação do período arcaico da língua portuguesa. Pergunta-se o autor qual a razão de existência das periodizações nas ciências chamadas históricas e conclui que «uma periodização talvez não tenha outro sentido senão o de servir a finalidades didácticas» (*id.: ibid.*).

ÍNDICE GERAL

Abreviaturas, convenções e alfabeto fonético	9
Prólogo	13
INTRODUÇÃO	15

I

O LÉXICO

Breve introdução	81
Parte I	83
Os efeitos da sócio-história na formação do léxico da língua portuguesa	83
Os pré-romanos ou pré-latinos: «vozes sobreviventes de um grande naufrágio»	83
Efeitos da presença germânica no léxico peninsular: Suevos e Visigodos	85
Os moçárabes: vestígios linguísticos	89
Vestígios do moçárabe: fontes para seu estudo e características linguísticas	90
Arabismos	94
Empréstimos culturais franceses e provençais	99
Empréstimos de línguas não europeias: os efeitos da expansão por novos mundos	104

Sobre a terminologia metalinguística na primeira metade do século XVI: alguns aspectos.....	107
Voltando ao latim e às suas várias fases na formação do léxico da língua portuguesa	126
Parte II.....	135
A estruturação léxico-semântica em alguns campos vocabulares.....	135
Parte III	303
Aspectos morfolexicais do português arcaico.....	303
Tipos de composição no português arcaico	308
Sobre a prefixação no português arcaico	311
Exemplos de prefixação no português arcaico	313
Substantivos	315
Adjectivos.....	317
Sobre a sufixação no português arcaico	324
Sobre a derivação regressiva no português arcaico	340

II

MORFOLOGIA FLEXIONAL

Parte I	353
Morfologia dos nominais	353
Breve memória: os nominais do latim ao português arcaico.....	354
A vogal temática (VT) como classificador nominal	355
O género dos nominais	356
O número dos nominais	362
Os determinantes do nome substantivo	369
O artigo: morfologia e uso diante de antropónimos	369
Sobre os alomorfes do artigo — <i>lo, no, el</i>	370
Sobre o uso do artigo diante de antropónimos.....	374
Os demonstrativos: história, morfologia, estrutura e uso em textos do período arcaico	376
Sobre o uso dos demonstrativos em textos do período arcaico	381

Os possessivos: história, estrutura, morfologia e uso do artigo	388
Estrutura e morfologia no período arcaico do português	389
Sobre o uso do artigo no período arcaico do português	392
Parte II	395
Morfologia verbal	395
Breve memória: o verbo do latim ao português arcaico	396
Verbos de padrão geral ou regulares	400
Morfemas modo-temporais	407
Morfemas número-pessoais	410
Variação na representação do lexema	411
Verbos de padrão especial ou irregulares	412
Sobre os lexemas dos tempos do não-perfeito	417
Sobre os lexemas do perfeito	419
Sobre a VT em verbos de padrão especial	433
Observação final	434
Sequências verbais	435
Ser, haver / ter + particípio passado	436
Ser, jazer, estar, andar, ir + gerúndio	441
Verbos + infinitivo	444

Vol. II

III
SINTAXE

Preliminar	9
Parte I	13
O enunciado: predicados e argumentos	13
Predicados existenciais	13
Predicados atributivos	15
Predicados intransitivos	22
Predicados transitivos	23
O sujeito	45
Voz passiva	49
A concordância	52
Observações sobre complementos e adjuntos preposicionados.....	57
Preposições em SPREP complemento	58
Preposições em SPREP adjunto	59
Observações sobre PREP e SPREP em adjuntos adverbiais	63
Adjunto adnominal	66
Sobre o uso de modo e tempos verbais no período arcaico	67
Sobre o modo verbal.....	74
Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação semântica	76
O infinitivo: modo genérico	78
Sobre o tempo verbal	79
O tempo verbal no modo indicativo	80
O tempo verbal no modo subjuntivo	82
Contextos em que não se aplicam as distinções modo-temporais básicas	84
A extensão do presente para a expressão do futuro	86

IdFt2: expressão da irrealidade e seu uso alternativo com SbPt.....	89
O IdPt3 nas correlações condicionais.....	92
O IdPt3 nas orações que expressam a irrealidade.....	93
Pronominais	95
1. Pronominais pessoais	96
Observações sobre os pronominais pessoais.....	100
2. Pronominais adverbiais	103
3. Os chamados anafóricos arcaicos: <i>en - ende - e hí - hy - i - y</i>	124
Parte II.....	137
Bloco A	137
A conexão das sentenças	138
A coordenação	139
Coordenação aditiva ou copulativa	140
Coordenação disjuntiva ou alternativa	141
Coordenação adversativa	143
Coordenação conclusiva.....	152
Coordenação explicativa.....	158
A subordinação.....	174
Subordinadas circunstanciais.....	175
Subordinadas completivas.....	216
Completivas com verbo no infinitivo e com verbo na forma finita ...	219
Outras observações sobre as completivas	224
Subordinadas relativas	227
Distância entre a relativa e seu antecedente	235
Estruturas interrogativas	255
A interrogação directa	256
Sobre a origem do infinitivo flexionado em português.....	260
Adverbiais	262
A quantificação e os quantificadores.....	285
Quantificadores específicos do nome substantivo	286
Lexias com valor de quantificador indefinido	293
Quantificadores definidos.....	293
Quantificadores não específicos do nome substantivo.....	295
A superlativização	301
A negação	305
Bloco B	327
A ordem dos sintagmas em enunciados principais afirmativos.....	328
A ordem dos sintagmas em enunciados principais negativos.....	336

A ordem dos sintagmas em enunciados interrogativos	339
A ordem dos sintagmas em enunciados subordinados	341
A ordem dos sintagmas em enunciados completivos.....	350
A ordem dos sintagmas em enunciados circunstanciais	356
Conclusões sobre os dados analisados	363
A recomplementação	396
A ordem dos clíticos ou pronomes átonos na sentença	422
Descrição estruturalista	422
Análise gerativista.....	437
Análise variacionista	445
Preferência pela colocação pré-verbal	455
Preferência pela colocação pós-verbal	459

IV

FONÉTICA E FONOLOGIA

Preliminar	485
Sobre o sistema vocálico e as variantes fonéticas.....	486
Sequências vocálicas orais: ditongos e hiatos.....	504
Nasalizações: vogais, hiatos, ditongos.....	514
O sistema consonântico e variantes fonéticas	535
As variações e o sistema no português arcaico.....	542
Definindo o sistema e caracterizando variantes no português arcaico	546
A propósito da sílaba no português arcaico	563
Breve nota sobre a prosódia no período arcaico	567
Epílogo	577

APÊNDICES

Apêndice I	581
A primeira proposta ortográfica para a língua portuguesa	581
Apêndice II	595
A pontuação em manuscritos medievais portugueses e em livros impressos na primeira metade do século XVI em Portugal	595
Referências bibliográficas.....	615
Índice de autores citados.....	635
Índice geral	639